

SANÇÃO DA TOLEIMA EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE
BRÁS CUBAS

MariaAngélicaSeabraRodriguesMartins

Em 1861, Machado de Assis, publicou em "A Marmota", uma série de artigos, posteriormente reunidos em *Miscelânea* (2, 1962), na forma de um opúsculo. Sob o título de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, o Autor define aí sua filosofia acerca do relacionamento homem/mulher onde esta, segundo os ditames da sociedade do século XIX, era apenas um meio utilizado pelo homem, através do contrato matrimonial, para ascender social e politicamente.

Nesse ensaio, Machado de Assis divide os pretendentes em dois tipos de homem: o "de espírito" e o "tolo". Sendo feita sobre essa dicotomia a estruturação em Memórias Póstumas de Brás Cubas (1, 1973) dos personagens Brás Cubas e Lobo Neves, no seu relacionamento com Virgília - trio em torno do qual se instala o conflito nuclear do romance - selecionamos o capítulo XLIII *Marquesa, porque eu serei marquês* (1, p. 56), transcrito a seguir, onde nos será possível identificar as modalidades, bem como os temas e as figuras utilizadas pelo Autor para de-

finir os papéis temáticos *homem de espírito tolo*, que polarizam o relacionamento de Virgília com os dois pretendentes.

Desta perspectiva, o *homem de espírito*, por exemplo, será definido segundo sua constituição modal (v.g. em termos da tensão entre *crer e saber, querer e poder, fazer e ser*), a partir de sua constituição temática (*vitória vs derrota*) e os contornos figurativos (*horizontalidade vs verticalidade, rapidez vs lentidão, acuidade prática vs acuidade cognitiva, impetuosidade vs veleidade*).

A seguir, transcrevemos o texto a ser analisado:

"Positivamente, era um diabrete Virgília, um diabrete angélico, se querem, mas era-o, e então...

Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano. Não precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família. Dutra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra ara-

gem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi: tal foi o começo de minha derrota. Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro.

- Pela minha vontade, já; pela dos outros, daqui a um ano.

Virgília replicou:

- Promete que algum dia me fará baronesa?

- Marquesa, porque eu serei marquês.

Desde então fiquei perdido. Virgília a comparou a águia e o pavão, e ele-geu a águia, deixando o pavão com seu espanto, o seu despeito, e três ou quatro beijos que lhe dera. Talvez cinco beijos; mas dez que fossem não queria dizer coisa nenhuma. O lábio do homem não é como a pata do cavalo de Átila, que esterilizava o solo em que batia; é justamente o contrário." (1, p. 56).

Os valores, no texto, para Lobo Neves e Brás Cubas parece não funcionarem na mesma hie-

rarquia; pois, se para o primeiro, o narrador onipresente sugere ser Virgília um meio que lhe proporcionaria a ascensão político-social (embora indiretamente também o fosse para si - "a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências", "me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas", "Marquessa, porque eu serei marquês"), para o segundo, a moça aparece revestida de uma conotação carinhosa que, neste capítulo-texto, fornece ao leitor a impressão de um Brás Cubas enamorado, para quem a candidatura é um objeto secundário. "diabrete angélico", "fiquei perdido", "o lábio do homem não é como o cavalo de Átila, que esterilizava o solo em que batia (...)".

Desta forma, embora os valores pareçam hierarquicamente distintos, S1 (Brás Cubas) e S2 (Lobo Neves) são colocados como anti-sujeitos, um em relação ao outro, porque disputam um mesmo objeto (valor, para o primeiro; modal, para o segundo). Se para Brás Cubas, Virgília é uma pessoa a quem está ligado afetivamente, embora também deseje a candidatura, para Lobo Neves a moça é um meio (objeto modal) através do qual obterá mais facilmente a candidatura, seu objeto-valor.

O conceito de intertextualidade possibili-

ta-nos, neste ponto, a confrontação do capítulo XLIII - *Marquesa, porque eu serei marquês* - (1, p. 56), com o ensaio machadiano denominado *Queda que as mulheres têm para os tolos*, onde o Autor define o conceito de mulher, na visão do "homem de espírito":

"As mulheres são para ele entes de mais elevada natureza que a sua, ou pelo menos ele empresta-lhes as próprias ideias, supõe-lhes um coração como o seu, imagina-as capazes, como ele de generosidade, nobreza e grandeza" (2, p. 967).

E sobre a personalidade do "homem de espírito":

"Naturalmente tímido, exagera mais ao pé delas a sua insuficiência; o sentimento de que lhe falta muito, torna-o desconfiado, indeciso, atormentado (2, p. 967).

"Respeitoso até a timidez, não ousa exprimir o seu amor em palavras: exala-o por meio de uma não interrompida série de meigos cuidados, ternos respeitos e

atenções delicadas." (2, p. 967).

O mesmo texto onde Machado discorre sobre sua filosofia acerca do relacionamento homem/mulher, explica, também, que o "tolo" (menos intelectualizado), não possuindo os escrúpulos acima mencionados, é revestido de sangue frio e segurança:

"Satisfeito de si, nada lhe paralisa a audácia. Mostra a todos que a ama, e solicita com instância provas de amor (...) importuna-a, acompanha-a nas ruas, vigia-a nas igrejas e espia-a nos espetáculos. Arma-lhe laços grosseiros (...) porquanto revela-lhe o instinto, que pela adulação é que se alcançam as mulheres" (2, p. 967).

"O tolo é um amante contente e tranqüilo. Tem tão robusta confiança nos seus predicados, que antes de ter provas, já mostra a certeza de ser amado." (2, p. 968).

"Como não é ele que ama, é ele quem domina. Para vencer uma mulher finge por alguns momentos o excesso de deses-

pero e de paixão (...) . Logo depois recobra ele a tirania, e logo depois não a abdica mais." (2, p. 969).

"De resto, como nos tolos tudo é superficial e exterior, não é o amor um acontecimento que lhes mude a vida: continuam como antes a dissipá-la nos jogos, nos salões e nos passeios." (2, p. 967) .

Tal confrontação permite-nos traçar um paralelo entre o texto acima mencionado e Memórias Póstumas de Brás Cubas onde Brás é o *homem de espírito* e Lobo Neves o *tolo*, insinuação feita pelo próprio narrador, quando classifica o rival como menos intelectualizado - "nem mais lido" - comparando-o a si próprio. Desta forma, deduz-se que Virgília, para Brás Cubas/homem de espírito, não poderia ser um objeto modal, pois seu conceito de mulher era elevado. Lobo Neves/tolo, entretanto, não considerando o amor algo primordial, na verdade utiliza a chance propiciada pelo casamento com a moça para alcançar seu verdadeiro objetivo: a ascensão político-social.

Apesar de Brás Cubas se ver como um porta-

dor de qualidades necessárias a um vencedor (esbelto, elegante, simpático, mais lido — este último, o único traço de uma competência adquirida), ele perde, permanecendo como sujeito disjunto do objeto-valor. No percurso do sujeito Brás Cubas não ocorre a *realização*, pois o sujeito de fazer sofre um bloqueio (conflito entre as modalidades do dever/querer e do saber/fazer) o que interfere em sua *performance*.

Em Lobo Neves sincretizam-se dois papéis actanciais: o de sujeito de estado disjunto do objeto-valor (para quem Virgília funciona como um objeto-modal) e o de sujeito de fazer, competente, modalizado segundo um saber-fazer, que realiza sua *performance* (faz-ser) e obtém uma sanção positiva. Seu programa narrativo principal se define a partir de um programa narrativo secundário, de uso — casamento com Virgília — que lhe tornará possível obter seu propósito: a ascensão político-social.

Um outro aspecto digno de nota é aquele ao qual a intertextualidade conduz, explicando uma constante em Machado de Assis onde o *toló*, além de menos intelectualizado que o *homem de espírito*, é também mais impetuoso e detentor de todos os louros:

"Por menos observador e menos experiente que seja, qualquer pessoa reconhece que a toleima é quase sempre um penhor de triunfo." (2, p. 966);

"O tolo não se faz, nasce feito" (2, p. 966);

"O tolo é abençoado do céu pelo fato de ser tolo, e é pelo fato de ser tolo, que lhe vem a certeza de que, qualquer carreira que tome, há de chegar felizmente ao termo". (2, p. 966);

"Ignora o que é ser corrido ou desdenhado" (2, p. 966);

"O que opor-lhe como obstáculo? É tão enérgico no choque, tão igual nos esforços e tão seguro no resultado!" (2, p. 966);

E conclui, de forma categórica:

"Mulher alguma resistiu nunca a um tolo." (2, p. 966).

Diante de tal filosofia irônico-pessimista, o homem de espírito Brás Cubas obviamente seria um perdedor, enquanto o tolo/Lobo Neves, portador da *toleima* - "um dom, uma graça, um selo divino" - e a quem conviria um pouco de vulgaridade, sempre venceria.

Em *Marquesa, porque eu serei marquês* convém, ainda, observar o jogo semântico efetuado pelo narrador entre Brás Cubas/pavão/perdedor VS Lobo Neves/águia/vencedor, onde ocorre a sugestão de que o fato de Virgília ter optado pelo segundo é o resultado de uma prova, da qual resulta a conjunção de Lobo Neves com seu objeto-valor (que para ele funciona, antes, como objeto-modal), enquanto Brás Cubas fica disjuncto de Virgília e da candidatura.

Uma observação dos traços que caracterizam a *águia* e o *pavão* conduz a:

Pavão

- Horizontalidade
- Ave terrestre
- Vôos curtos e de pouca altitude
- Beleza
- (Não marcado)
- Garras impróprias para caçar

Águia

- Verticalidade
- Ave Celeste
- Vôos longos e de grande altitude
- (Não marcado)
- Acuidade
- Garras apropriadas para caçar

Em uma relação de contigüidade, os atores são apresentados como:

Brás Cubas/pavão

- Elegante
- (Não marcado)
- Simpático
- Hesitante
- Esbelto
- (Não marcado)
- Mais lido
- (Não marcado)

- O que cede

Lobo Neves/águia

- (Não marcado)
- Esperteza
- (Não marcado)
- Impetuoso
- (Não marcado)
- Ambição
- Menos lido
- Cercado por grandes influências

- O que não cede

MAS

- Não concretiza seu querer
- Não age

MAS

- Concretiza seu querer
- Age

Apesar de os valores - esbelteza, elegância, simpatia, intelectualidade - coexistirem em Brás Cubas com as modalidades (dever/querer e poder/saber) este vive um conflito hiperonímico entre o *crer* e o *não-crer*, não conseguindo, por isso, chegar à *realização*, isto é, ao fazer-ser. Fracassa, porque é marcado pela veleidade: não age no sentido de manter a conjunção que acredita possuir com o objeto-valor, pois não crê em sua competência, o que concede a Lobo Neves a oportunidade de lhe arrebatara Virgília

e a candidatura.

A expressão "com ímpeto cesariano" "confe-re a "dentro de poucas semanas "um caráter de-transformação repentina que, aliado a "arrebato" e a "águia", evidencia a natureza impetuosa e atuante de Lobo Neves. No diálogo travado entre este e Virgília, entretanto, a impetuosidade da "águia" é suplantada pela perspicácia de sua presa. Aqui ocorre um subprograma narrativo que narra o fazer/querer, isto é, a instauração do sujeito modalizado segundo um querer/fazer, por ação de um sujeito destinador - Virgília - que manipula um destinatário - Lobo Neves - tornando-o mais ambicioso:

"- Promete que algum dia me fará baronesa?

- Marquesa, porque eu serei marquês."

Neste momento da narrativa em que Lobo Neves desempenha um papel de objeto-modal e Virgília, a função de um sujeito de fazer (realizado), estabelece-se um contrato. Brás Cubas fica, então, disjunto do objeto-valor: " fiquei perdido" (1, p. 56).

A definição "diabrete angélico", apresentada logo no início do texto, fornece uma pista de que Virgília não se restringirá a um mero

objeto valor (valor, para Brás Cubas; modal, para Lobo Neves); mas, no decorrer da narrativa passará a sujeito de fazer competente, que realiza sua performance — fazer Lobo Neves ficar mais ambicioso, através de um jogo de sedução/manipulação.

É patente, na escritura machadiana, a refinada crítica feita pelo Autor à sociedade do século XIX, que relegava a mulher à condição de mero objeto, do qual se servia o homem, mediante o casamento, para ascender social e politicamente. Machado de Assis, entretanto, extrapola, colocando este **ser/angélico/objeto** na posição de **fazer/diabrete/atuante**, que utiliza as próprias regras da sociedade opressora, subjugando seu opressor virtual: o homem, fruto desta sociedade. A mulher, neste caso, é "diabrete" no sentido de um ser imbuído de sagacidade; e em Virgília a acuidade da águia é a característica-chave.

Virgília, o "diabrete angélico", opta por Lobo Neves, pois crê na capacidade do mesmo, que se mostra mais promissor que Brás Cubas, a fim de alcançar seu objetivo de vida: ser uma poderosa e respeitada dama da nobreza. Logo, o primeiro pretendente, marcado pela veleidade, não poderia servir a seus propósitos ambicio-

sos, se comparado ao atuante - e de atuação manipulável - Lobo Neves.

O texto de Machado de Assis confere à mulher, objeto de disputa de dois homens, características de ambos: o **diabrete** iguala-se em pensamento e inteligência ao *homem de espírito*, mas o **angélico** faz com que ela se perca na ambição do tolo.

Assim, embora em *Queda que as mulheres têm para os tolos* Machado de Assis justifique a atitude feminina como fruto da própria sociedade em que foi criada ("Efetivamente o estranho que ler as suas missivas, nada tem a dizer; na mocidade o pai da menina escrevia assim; a própria menina não esperava outra coisa. Todos estão satisfeitos, até os amigos. Que querem mais?) - (2, p. 971), no mesmo ensaio o leitor se depara com um outro trecho que parece esclarecer, singularmente, a opção de Virgília:

"Hoje, graças a Deus, a verdade se descobriu: veio a saber-se que as mulheres escolhem com pleno conhecimento do que fazem. Comparam, examinam, pesam, e só se decidem por um, depois de verificar nele a preciosa qualidade que procuram. Essa qualidade é... a *toleima* !" (2, p. 966).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ASSIS, J.M.M. - Memórias póstumas de Brás Cubas. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1973.
- 2 - ASSIS, J.M.M. - Queda que as mulheres têm para os tolos. In: MISCELÂNEA, Obra completa. Rio de Janeiro: Editora José Aguil- lar, 1962. Vol. 3.
- 3 - BARROS, D.L.P. - Teoria do discurso - fun- damentos semióticos. São Paulo: Atual Edi- tora, 1988.
- 4 - CASTELO, J.A. - Machado de Assis - crítica. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1959.
- 5 - COUTINHO, A. - A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- 6 - DESMEDT, N.E. - Semiótica da narrativa. Trad. Drª Alice Maria Frias. Livraria Al- medina, 1984.
- 7 - GRUPO DE ENTREVERNES - Análisis semiótico de los textos - introducción teoría prác- tica. Trad. Ivan Almeida. Madrid: Edi- ciones Cristiandad, 1982.